



(DIOGO-CAÃO)



REVISTA ILUSTRADA

— DE —

ASSÚNTOS HISTÓRICOS ANGOLANOS

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —

?

— Os povos — que ainda hoje têm medo da paz em vez de terem medo da guerra, — deveriam ser riscados da lista dos povos civilizados.

Palavras do cardial alemão *FAULHABER*.

— SUMÁRIO —

O eco que em Angola teve a Revolução de 1820. — O agitador José Anastácio Falcão. — Vida do bispo dom Francisco de Soveral, sua feliz morte e trasladação. — Medicina Indígena Angolana. — Relação de Sementes. — Os óssos de Salvador Correia. — Palavras amigas. — Despotismo velho e antigo. — A estrada à beira-mar, de Luanda à cidade de Moçamedes. — Ruínas sagradas de Maçangano. — Angola... cubiçada. — Política colonial da Ditadura-Salazar

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

— LISBOA — 1935 —

# «DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

## PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e habilitado com o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista

---

Vende-se em LUANDA, nas livrarias :

MINERVÆ, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso ..... 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Em LISBOA na :

Parceria ANTÓNIO M. PEREIRA, Rua Augusta, 48.

Número avulso..... 3\$50

---

Vendem-se algumas colecções da I e II séries :

Cada uma das séries } em brochura 55\$00 ou 70,00  
                                  } cartonada... 60\$00 ou 80,00

---

As assinaturas são pagas adeantadamente

Cada série de 10 números ..... 30\$00 ou 50,00

(Recebemos Angolares)

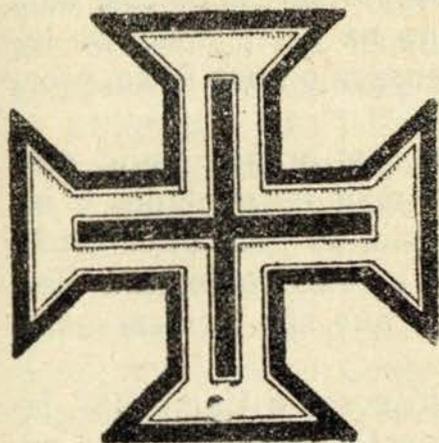


## Bispo Soveral

BIBLIOTECA DE ÉVORA

Cota do Códice:  $\frac{CXVI}{1-59}$  n.º 6

Vida de D Francisco de Soveral, digníssimo Bispo de Congo e Angola. Sua feliz morte e trasladação de Maçangano para a cidade de Luanda.



**N**ASCEU ÊSTE CONSUMADO varão na vila de Cernancelhe, em a diocese lamecense.

Seu pai era o dr. Pedro de Soveral e sua mãe dona Maria de Almeida; e, como estudante na Universidade de Coimbra, afeiçoado ao canónico hábito de Santo Agostinho, o vestiu no Real Convento de Santa Cruz e, apesar de enfermo, professou com muitas lágrimas de devoção.

Aqui aprendeu artes e teologia, graduando-se de doutor no ano de 1615; saíu das aulas famoso letrado e prêgador

afamado cujo talento exercitou com grande aplauso daquela Universidade, concorrendo a ouvi-lo tanta gente que não cabia nos templos; foi nomeado deputado do Santo Ofício de Coímbra pelo inquisidor-mór dom Fernão Rodrigues Mascarenhas, sendo ali presidente Simão Barreto de Meneses; e, indo à côrte de Madrid a negócios da Ordem, procedeu de maneira que de todos era avaliado por homem santo; e assim, vagando naquêle comenos a Prelasia de S. Tomé, debaixo da zona tórrida, foi nomeado nela no ano de 1622 e no de 1626 na de Congo e Angola, sucedendo a dom Simão Mascarenhas, da Ordem dos Menores; vindas as Letras, se sagrou no Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, com grande assistência do povo daquela cidade, porque de todos era amado e venerado sumamente.

Tanto que se viu sagrado, partiu para a sua Igreja, acompanhado de ardente zêlo da conversão das almas, e a ela chegou na éra de 1628, onde assistiu com notória fama de santidade, porque, posta de parte a autoridade Episcopal, ensinava a doutrina cristã a suas ovelhas pelas ruas e praças públicas, pelas quais ia rezando no diurno ou em outro livro de suas devoções, por se não divertir com outra cousa, e tanto era o concurso dos meninos e gente preta a tomar-lhe a bênção que o obrigavam a se deter para a dar a todos, afim de os não deixar desconsolados faltando-lhes com ela, sendo o seu maior gôsto deixá-los satisfeitos ainda nas ocasiões da sua maior pressa.

De manhã, assistia no Côro às Horas Canónicas, com grande atenção e devoção; e, quando na missa maior se levantava a Deus Sacramentado, o incensava o novo Arão, prostrado por terra.

Depois, tratava dos seus pobres com grande amor, empregando-se da melhor vontade nos mais necessitados e infeccionados, aos quais ia buscar à Praia ao pino do sol, não reparando no muito que é nocivo; e a êstes confessava, limpava e dava todo o necessário para que não percessem à míngua.

À tarde, depois de assistir às Vésperas e Complétas, fazia o mesmo com os do Hospital, que êle tinha edificado, na forma em que ainda permanece, sendo esta tam grande obra um perene padrão de sua memória.

Foi muitas vezes Provedor da Santa Casa de Misericórdia, em cuja assistência se desvelava com tam grande cuidado que a muitos doentes (que se achavam no extremo de vida) êle próprio administrava os Sacramentos e ajudava a bem morrer, conformes com a divina vontade, não lhe causando tédio nem horror o asqueroso de suas enfermidades.

Era pai de orfãos, a tôdas buscava maridos, a que dava competentes dotes, tendo por uso inquirir das embarcações que se vinham de mar em fóra e se traziam algumas convertidas? que logo entregava aos moradores ricos sem filhos para que tivessem melhor fortuna enquanto lhes não dava estado; e, sabendo que procediam mal, como arpias infernais, as fazia, em-continente, despejar da terra; zelava tanto o bem das honestas que êle mesmo comprava os enxovais e móveis de casa, sendo de tôdas padrinho e o cura que as recebia; chegou muitas vezes a lançar pelas janelas a roupa de seu uso e ainda lençóis e colchões de sua cama, dormindo muitas noites no chão por não contar a seus domésticos o que passava; assim também sustentava a muitos ciérigos e estudantes pobres, que tinha em casa, das partes do Brasil e Reino, que vinham a ordenar-se, conferindo-lhes as ordens de boa vontade; estimava muito aos bons músicos para a capela que era a melhor do Ultramar, pelo cuidado que êste insigne prelado punha em aumentá-la; e aos clérigos, forasteiros, que procuravam ordens, punha por condição que assistiriam na terra três anos para que nela nunca faltassem ministros eclesiásticos que com todo o cuidado frequentavam e assistiam aos ofícios divinos, tendo o raro exemplo de seu Prelado, que sempre os acompanhou neles com tanto zêlo que êste mesmo os obrigava a não faltarem a suas obrigações, como eram as missas cantadas pela semana, tendo cada um a sua, conforme lhe tocava por distribuição de uma pauta que estava na sacristia, feita para todo o ano.

Comia em (quinelou ou quisselo?) com seus creados; não bebia vinho, nem gostava de manjares exquisitos; prégava ao povo, como outro Santo Ambrósio, tôdas as festas solenes e em alguns oitavários três vezes com grande fervor de espírito e mui delicados conselhos, rematando todos seus sermões com tam veementes exclamações que igualmente deixavam o auditório compungido e edificado; e, faltando-lhe certo dia ou-

vintes por estarem em uma casa de jôgo, encolerizado o zeloso pastor entrou nela, dizendo : o templo de Deus despejado e a casa da abominação cheia de gente !

Tam prestável era no culto divino que chegou a celebrar pontifical e a prègar o mandáto na quinta-feira-maior, estando actualmente com o ataque de gôta.

Na quaresma, fazia grandes penitências, abstinências e mortificações, e o mais do tempo ou quási todo o gastava na Igreja ; no tríduo da Paixão comia sòmente uma laranja azeda, em memória do fel e vinagre que gostou o nosso Redentor ; e nos dois dias primeiros, não se sentava em cadeira.

Na procissão do Entêrro, levando os Clérigos as insígnias dos martírios, êle levava uma pesada cruz, descalços os pés e uma corda no pescoço, com tal devoção que fazia chorar aos mais empedernidos corações, imitando nesta piedosa acção ao Santo Cardeal Borromeo, arcebispo de Milão.

No sábadò-santo, achada a Aleluia, se saía do setial e abraçava a quantos estavam na Igreja, dando-lhes as boas-festas com tanto prazer e alegria que se não pode com palavras explicar.

No sacrossanto sacrificio da Missa se detinha, desfazendo-se em lágrimas como quem dava mostras de grande veemência com que ao Senhor Nosso Deus orava.

Intercedia por todos os fiéis cristãos, desejando por meio de suas orações salvar ao género humano.

Entrando um dia pela porta da Igreja e vendo um grande número de pretos a buscar o Sacramento do Baptismo, disse ao padrinho : ponha a muitos o nome de Francisco, para que algum venha a ser bom, já que eu fui tam mau.

Tinha grande cuidado de saber ç se havia algumas discórdias entre suas ovelhas ? e maior ainda em as pacificar, não consentindo dilacção na concórdia, por evitar ódios, a que não fôsem mais entranháveis.

Não cessava com as meúdas visitas que fazia aos enfermos, viúvas pobres e honestas, assistindo aos noivados ainda que fôsem os mais humildes da terra, chegando-se a meter em a Cadeia por amor de uma ovelha sua que presa estava por uma violência do Governador, para que desta maneira

mais depressa fôsse solta, com a qual acção e com as muitas outras que obrava, semelhantes a esta, em todos excitava grande amor.

Gastava muito pouco ou quási náda com sua pessoa, tendo sempre por mal dispendido o que não era no culto divino e pobres de Cristo.

Sobretudo, mais era devotissimo da Virgem Senhora Nossa, a quem, de joelhos, tôdas as noites rezava o seu Rosário e officio-menor; e, cada ano, dava à sua imagem da Conceição, orago da Matriz, um rico vestido; e, no último ano, andando muito solícito em que se acabasse um que havia mandado fazer de tela, para o dia de sua festa, dizendo-lhe certa pessoa: — Senhor, para que são tantos vestidos, não bastam 7, que já alguns se vão perdendo? — respondeu com ardente zêlo:

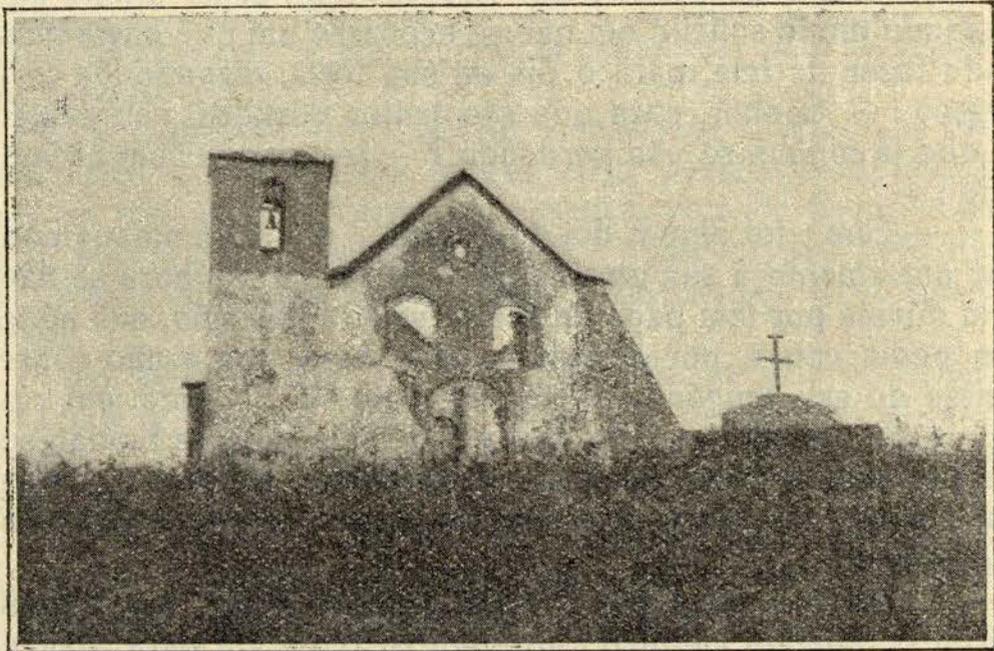
— Sim; foi algum dia namorado? pois que menos pode dar um amante à sua amada que uma gala à Senhora se dava sem dúvida por tam paga de sua fervorosa devoção, que nunca lhe pedia cousa, por dificultosa que fôsse, que a não conseguisse do seu unigénito Filho, medeante a Senhora, em cuja Igreja e nova fábrica dela se haviam já lançado os fundamentos por ordem dêste exemplar de prelados, e houvera de ser um magnífico templo, se o não impedisse a súbita invasão dos Holandeses.

Tomada a terra por êstes no ano de 1641, não desamparou o rebanho católico; ausentou-se com êle para Maçangano e, pelo caminho do Sertão, assistia aos sãos e enfermos com o pasto espiritual, tolerando, como se fôsse de bronze, as misérias e grandes calamidades que se costuma experimentar em semelhantes retiradas.

Chegado à Maçangano, por não faltar assistência do culto divino, celebrou Pontifical em dia de Natal com insígnias que logo ali se engharam, por faltarem as outras que se haviam perdido.

Tinha tanto amor a suas ovelhas que, oferecendo-lhe os Holandeses, em certa ocasião, passaporte e se se quizesse embarcar? e boa passagem, repugnou, tendo por cousa execranda, querendo antes atropelar sua conveniência ou bem particular, por não faltar com sua assistência àqueles povos que todos os trabalhos tinham por mui suaves à vista de uma

companhia tam santa como era a do seu Pastor, suposto bem poucos dias lhes durou êste contentamento, porque, não sendo muitos passados de sua chegáda à Maçangano, foi salteado de terrível doença, a que não pôde resistir sua idade e acháques; e, presente a Imagem da Senhora da Conceição, a que dava reverentes ósculos e louvando-a com amorosas jaculatórias, que o Céu lhe trouxe ao pensamento naquela hora, sendo em sábado, 4 de Janeiro de 1642, se desatou sua alma



RUÍNAS ACTUAIS DA IGREJA DE MAÇANGANO, ONDE FOI, EM 1642, SEPULTADO O BISPO D. FRANCISCO DE SOVERAL

dos vínculos do corpo, que a detinham, entregando-se à mesma Senhora a que tanto em vida amara.

Foi tam sentida de todos igualmente a perda do Senhor Bispo que, sendo mui grande a dor, não era menos o sentimento, pela grande falta que lhes fazia sua assistênciã, parecendo a todos que bastáva sua presença para desterrar quantas hostilidades que de contínuo lhes oferecia o inimigo e o áspero e o intratável daquele sertão.

Foi logo levado à sepultura, que por então se lhe deu na Igreja da Senhora da Vitória do dito Presídio,

com toda a pompa, não a devida ao seu merecimento, mas com a que o tempo permitiu, ficando juntamente sepultado em os corações de todos que de seus próprios peitos desejavam lavrar sumptuosos túmulos para o trazer mais presente.

Restaurada (1648) a cidade de Luanda, foi trasladado com grande aparato e concurso à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que, — não sem mistério! — foi servida trazê-lo a ela para a acompanhar depois de morto quem tantos obséquios lhe havia feito em vida; e, ao desenterrar do corpo em Maçangano, se achou a mão direita com a luva incorrupta, mostrando a Senhora não ser digna de corrupção uma mão que tam liberalmente havia destendido tantos bens, assim com Deus, como com os seus Santos, pobres, orfãos e viúvas.

Às suas soleníssimas exéquias assistiram os Clérigos por êle ordenados, que daquele pernicioso climá da Conquista haviam escapado, com os mais que nele habitaram o tempo de sete anos, e toda a nobreza e povo.

Houve sermão de seus louvores, que prègou o venerando padre mestre frei João da Piedade da Terceira Ordem, assistindo o Governador e Restaurador da praça — Salvador Correia de Sá, o qual lhe mandou esculpir na campa da sepultura de seus ossos, que foram colocados na Capela-Mór em logar eminente, devido a tantos méritos e incomparáveis virtudes, êste breve epitáfio:

AQUI JAZ  
D. FRANCISCO DE SOVERAL,  
MERETÍSSIMO BISPO  
DÊSTE REINO

Esta foi a vida do Ex.<sup>mo</sup> Prelado dom Francisco de Soveral, perfeitíssimo exemplar de todas as virtudes, não faltando a da justiça punitiva, em que se portou exactíssimo, principalmente no castigo dos delictos que se cometiam contra nossa fé católica, dando-o aos culpados neles com a severidade que mereciam.

\* \* \*

O senhor dom Francisco de Soveral tomou o hábito de cónego regrante a 11 de Junho de 1588, e o grau de doutor no de 1615, sendo reitor da Universidade dom João Coutinho e cancelário o prior geral dom Hierónimo da Cruz. Brevemente foi nomeado deputado do Santo-Ofício de Coimbra pelo inquisidor-mór dom Fernando Martins Mascarenhas, ali presidente Simão Barreto de Meneses; e no de 1622 sagrado em bispo de S. Tomé por morte de dom frei Domingos da Assunção da Ordem dos Prégadores; e, sem ir lá, no ano de 1626 sucedeu em Angola a dom frei Simão Mascarenhas, da Ordem dos Menores. Faleceu em Maçangano a 4 de Janeiro de 1642 e foi trasladado para a Matriz desta Cidade em 22 de Junho de 1650.

- Nótas do p. P. —
- I. Esta biografia do Bispo Soveral ou Sovral está escrita em 3 meias fôlhas de papel selado — Sêlo quarto de dez réis. Ano de 1665.
  - II. Cadornega diz que o Bispo Soveral deu a Alma ao seu Criador em 5 de Nov. de 1642.
  - III. Em 30 de Janeiro de 1881, foram os ossos do Bispo Soveral trasladados para o Cemitério Público de Luanda.
  - IV. O falecido abade Vasco Moreira, no seu livro *Terras da Beira — Gernancelhe e seu Alfoz*, Pôrto, 1829, occupa-se do Bispo Sovral e sua família.
-



— Com os seus cumprimentos, *Alfredo F. de Albuquerque Felner* envia estas cópias, que talvez possam ser úteis para a sua Revista.

Lisboa, Agosto de 1935.

*R. Vasco da Gama (à Moeda), 7, 2.º—Telef. 2 3469.*

— O «*Caderno de Afonso Mendes*», que foi publicado nas páginas desta revistinha, e de que fizemos separata completa, foi muito apreciado principalmente na Inglaterra, Alemanha, e França, para onde mandámos alguns exemplares: não menor valor tem esta «*Relação de Joaquim José da Silva*», podem crer.

P. P.

*Il.º e Ex.º Sr.*

*Inclusa achará V. Ex.ª a Relação das Sementes que nesta ocasião remeto, em consequência do Aviso de 11 de Outubro de 1802, que V. Ex.ª da parte da Sua Alteza Real me dirigiu. Ao Governo Interino de Pernambuco peço as queira mandar no primeiro Navio que sair daquele Porto para essa Capital, assim como a Planta viva n.º 51 da Relação junta que aqui denominam Cravo, em razão do seu cheiro e sabor, do qual também vai a Semente n.º dito. O Secretário deste Govêrno Joaquim José da Silva que Sua Alteza Real em outro tempo mandou para este Reino para as Descobertas de História Natural, é quem formalizou a mencionada Relação, e preparou as Sementes, e continua*

*na indagação de outras que possam servir ao fim proposto. Igualmente achará V. Ex.<sup>a</sup> uma Cópia mais circunstanciada das primeiras Sementes que remeti pelo Presidente do Real Erário, como já participei a V. Ex.<sup>a</sup> no Officio de 19 de Maio de 1803, n.<sup>o</sup> 22.*

*Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> São Paulo da Assunção de Luanda, 18 de Julho de 1803.*

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Anália.*

*D. Fernando António de Noronha.*

CÓPIA da Relação das Sementes que acompanharam a carta de 3 de Fevereiro de 1802 por efeito do Real Aviso de 12 de Novembro de 1801.

1.<sup>o</sup> Gingûba (ou Mindubi). Espécie de Planta conhecida por todos os naturalistas — Serve esta semente de ordinário alimento, cozida, torrada, e como adubo, pisada; coberta de açúcar. E' nutriente e o seu óleo, por expressão, serve para alumiar, frigir peixe, etc. Dá-se em várzeas, e produz cravando-se espontâneamente na terra, depois da florescência, as suas Bâgens ou Siliquas, que nela produzem os grãos até à sua perfeição que succede no mês de Setembro, primeiro do tempo fresco, ou verão deste país, e o undécimo e penúltimo dos Ambûndos.

2.<sup>o</sup> Quinzôngy (Candu no Brasil). Este legume, apesar do seu leve amargo, é assaz delicado, tratado como Ervilhas. O cozimento das suas folhas com sal-gema (da província de Quiçama) cura as feridas da boca procedidas de Escorbuto. Tem aqui outras applicações cuja utilidade não houve logar de verificar — Houve já tempo que tais empirismos mereciam muito menos crédito: a Medicina merece apenas o nome de Ciência!

3.<sup>o</sup> Gihássa (com h aspirado) ou Mecûnde. Espécie de Feijão fradinho. Suas fôlhas são no país boa ervagem; o seu grão ralado tira as dôres dos furúnculos, resolve ou os amadurece: torrado como Café e tomado internamente, dizem, facilita a rotura dos Abcêssos, fazendo-os evacuar o pûs pela bôca.

4.º Nbûry, ou Quibulucûsso: E' legume ligeiro: E nos casos em que é preciso laxar o ventre a tenras crianças, é óptimo o cozimento das folhas em lavamento e o suco das mesmas pisado pela bôca.

5.º Espécie de Favas, e do legume n.º 4.º, maior, e menor espécie; é bom legume.

6.º Mungôngo. Espécie de Feijão, boa qualidade.

7.º Camuséla. Dito.

8.º Camuto. Dito, e ainda melhor qualidade.

9.º Rinhangôa (todo *r* destas Nações é fraco): Espécie de Abóbora amarela assaz doce.

10.º Quingombo (no Brasil Quiábos). E' muito nutritente como um leve Esténuo, e aproveita na tosse,

11.º Gîngilo (Espécie de Sólano de Lin) O seu fruto come se cozido, e mesmo cru, e desta última sorte, se opõe valentemente, e previne o Escorbuto: o seu sabôr tem analogia com o do Pepino.

12.º Massambála. E' de duas qualidades, branca e vermelha, e esta última tem o especial nome de Quingulûlo. Uma, e outra servem de Pão, e a sua farinha fervida com pouca água forma uma espécie de massa que é o ordinário pão de todo este Continente. Pode comer-se simplesmente cozido o grão. Dêle fazem os Negros do Sertão de Benguela, e mesmo de outras Nações, óptima Cervêja, a que aqueles chamam héla ou héra. (Espécie de Millium L.)

13.º Mussâmbe (Espécie de Cleome Lin.) Esta semente serve de sustento a certas espécies de passarinhos (Loxia Lin.), a Galinhas, etc. As folhas comem-se como ervagem (e em Supositórios diminuem pelo estímulo a astenia em uma espécie de remitentes do país). Estes, e outros muito Tópicos da mesma forma aplicados precedendo um banho frio em que se poem ervas aromáticas, e adstringentes, há razão de crêr sortirão o mesmo efeito na Europa, ajudando talvez em parte a diminuir a nomenclatura de tantas espécies de febres, e que

êste Gentio sabe mui tratar: as suas curas (no Sertão) são prodigiosas, e com muito menos incómodo do enfêrmo, sempre infalíveis, nas devidas circunstâncias, posto que nenhuma teoria entendam, nem saibam dar da sua prática razão alguma convincente.

14.º Semente de Mostárda que parece idêntica com a de Európa — Vegeta contudo espontâneamente e sem cultura.

15.º Mulôlo. (Espécie de Cássia, segundo o incerto carácter dêste género no sistema da Natureza). Sua flor pode dizer se em Campainha, tem 10 estames unidos pela base, desiguais. As síliquas são mui grossas, e mais rijas que atañado, da côr das de Alfarroba, e do comprimento de 1 palmo; as suas fôlhas são em dois corpos, ou lóbos, unidos na base, e fechados ao princípio um com o outro. Esta planta tôda (assaz formosa, chega à estatura de Árvore) é do melhor socorro nas febres do país, não só na forma acima descrita mas dando a beber ao enfermo a infusão fria dos seus troncos, e raízes feitas em pedaços; e também as fôlhas mais novas a comer, etc. (As flores secas cheiram como o melhor Chá).

16.º Ndundûlo (Espécie de Solanum). O seu fruto serve de sabão para lavar. Toda a Planta é venenosa, e particularmente a raíz: esta, porém, aplicada de certo módo aviva em sumo gráu o Olfacto aos Perdigueiros, e outros Cães de Caça!

17.º Mulôlo-Ambûlo. Espécie de Fructa-de-Conde agrêste que desta só difere no tamanho assim da planta como do fruto, e pouco no sabôr. Das suas raízes, pisadas e metidas em água, se forma um banho favorável nos pártos.

18.º Cacûta — Feijão do mais ordinário em Luanda — E' boa qualidade.

19.º Macanha (Tabaco). A infusão da sua raíz, a frio, tomada internamente em certa dose, mata os vermes, dizem.

20.º Mêsso a hõmbro (quer dizer olhos de Cábra), espécie de Pimento, usado (Solanum).

21.º Mássa. Assim chamão em todo o Continente (de

Angola) ao milho comum. Triturado em miúdas partes, e cozido com o caldo de vaca, substitue bem o arroz, na falta deste precioso grão.

22.º O anguilla (Gergelim-Sesamum). As sementes torradas, e em pó, curam o que vulgarmente chamam Sapinhos nas Crianças.

23.º Jambo. Supõe-se semente do Brasil, e cujo fructo chega neste paiz a tôda a perfeição. (Há, porém, no Sertão de Benguéla outra espécie de Jambo mais agradável ao gôsto, e mais nutritente, que pelos Campos cresce espontâneamente, e em partes forma espaçosos Vergéis, com suma utilidade dos Viajantes curiosos; e cuja Planta se chama O-lo-Muio (E assim também o fruto).

24.º Mamã (Mamão). Planta natural dêste país, onde nasce, e produz sem cultura, pôsto que parecera originária do Brasil. Cresce e dá-se em abundância, e seu fruto chega a tôda a perfeição.

25.º Nbinda<sup>1</sup> Planta que produz Cabaças de notável grandeza: São como os tonéis, e dornas destas Nações.

26.º Quimbûma (Espécie de Alfavaca). Além dos conhecidos usos médicos que na Európa se dá a esta Planta, entra também no curativo das febres, e quando a indicação é excitar o suor.

27.º Mamóte (Solanum). Coze-se com a Vianda, e a sua folha pisada, e cozida é óptima ervagem, que neste estado tem seu nome particular.

28.º Cabûlo. Espécie de feijão, (é bom).

29.º Mueléle (Clinopodium). Magericão bravo: nasce espontâneamente, é sumamente aromático, e, como medicamento, se applica combinado com a Quimbûma (n.º 26.º)

---

<sup>1</sup> A lêtra N inicial, em grande parte dos vocábulos dêste Idioma, tem um particular som nazal próximo ao dêste termo, se estivesse escripto assim — Vn — Binda.

30.º Caquêngue-Anil. E' bela qualidade segundo em outro tempo se viu aqui fabricado.

31.º Sementes de Fruta-de-Conde. (Não parece indígena dêste país) (Nêle, contudo, se dá muito bem).

32.º Manhungo. Abóbora branca.

33.º Outra espécie de Favas. (As suas fôlhas pisadas curam as nódoas da face que no Brasil chamam panos).

34.º Outra espécie de Quibulucûsso (n.º 4.º).

35.º Cravinas bravas. (Parece espécie de Bidens).

36.º Ndendo (Espécie de Gentiana, Lin Sist.) A infusão a frio da raíz desta linda Planta, bebida em jejum na dóse de uma colher ordinária, cura infalivelmente, neste paíz, a Icterícia!

37.º Nburutûtua. Chega ao crescimento de uma árvore, assaz robusta e copada. Tem a mesma virtude Medicinal da precedente. (Foi aqui descrita do modo seguinte: Cistus, Fructuosa, arborea, perennis, folliis digitatis — Ambaca Octobr. flor.)

N. B. Estas duas plantas oferecem um sumo resinoso próprio para a Tinturaria.

38.º Mulôlo. Esta planta é a mesma já descrita n.º 15.º acima mencionada.

39.º Cambaléla, ou Cambalále. (Parece o Rhamnus Lineatus de Lin. Sist. Nat.) — Floresce, e frutifica em Julho, e ramifica em Agosto. Entra no número das que curam as febres do paíz.

40.º Cacûmby — Esta Planta foi descrita assim — Spondias: Racesnis radicalibus; rami lanuginosi Folia carnosa, supra nitida, subtus arcte tomentosa; folliolis lineari lanceolatis, acutis — Racesni ex radice: caliv persistens: Pedunculi et Racesni colorati. Floris faux interius basi glandulosa. Folia subdecur rentia (Hermaphrodita).

N. B. A sua Foliação não acontece senão depois da Florescência, parecendo por isso, a quem o ignora, não pertencen-

cer uma coisa à outra, mas antes vegetais diferentes. A cada passo, encontra o viajante mais um obstáculo ao conhecimento de um ingénuo Sistema Vegetal: — (Só vai a Raíz).

41.º Quicûnde. (Esta Planta foi aqui descrita de modo seguinte — *Crotalaria Spicata Follis pinnatis Spicas superantibus* — Planta toda villosa, e *Petalis exceptis*. *Pedunculi crassi; Vexillum magnum, reflexum*. *Calices quadrifidi 1/3; Lacinia superiori biloba, inferior longissima carinata*. *Nbaca Octobr. floret, vulgo Quicunde* — Com esta Planta matam os Naturais o peixe, que querem haver dos rios; porém o clavamamento das suas raízes curam da moléstia que aqui dizem muhungue.

42.º Mubango. É um lindo Arbusto. (Parece uma espécie de *Laurus*). Das sementes cozidas e em fervura colhem os Naturaes óleo para lúzes, e algumas aplicações Medicais, que ainda se ignoram.

43.º Erva de St.<sup>a</sup> Maria (ignora-se o nome da Terra) (*Chenoponium*). Tem aqui as mesmas aplicações, e usos que na América, onde parece ser idêntica, e mesmo em Portugal. Viu-se aqui com o seu sumo, servindo a mesma erva pizada de lichinos, curarem úlceras de mais de um ano, adquiridas em uma Expedição Militar (em o Sertão de Benguela).

44.º Sáco (Parece ser o *Andropogon Schoenanthus* L. *Sist. Nat.*) Esta Planta tem um cheiro forte, algum tanto desagradável, posto que aromática. Excita mui grande estímulo, a que proporcionalmente corresponde sempre o excitamento, havendo-o em mediano gráu. (É perene).

45.º Mussôssôchy (ou Sempre lágrima) Esta árvore é uma das que destilam melhor Gôma chamada Arábica, e em maior cópia. (Aqui foi assim descrita — *Mimósa* (*Genus hoc quintum addendum V. Scopoli p. 295*) *Calix quinquefidus; Corolla nulla; Stamina 10; Antheroe bifidae. Pistillum Stamini-bus oequale Spicis ad axilia folliorum binis. Ambaca Octobr. flor. An. 1796.*

46.º Mucûmby — Descreveu-se em Ambaca esta planta do modo seguinte — *Spondias raceinis in capitulos, ramis*

terminalibus subjectos: Folliola nitida tamen lanugine ad persa, lanceolata, acuta — Florescentia et Folliatio fere procedentis n.º 40.º<sup>1</sup>

47.º Mubombôlo. (Não houve ocasião de examinar as flôres desta árvore) cujo tronco é assaz elevado, e direito; de moderada grossura, coroadas na sua extremidade superior dos Ramos — Folliis pinnatis, folliolis lineari-lanceolatis, serratis, acutis — Também dá goma em lágrimas: tem tôda um chêiro forte, e semelhante a certa madeira do Brasil, conhecida pelo nome de Canela. . .

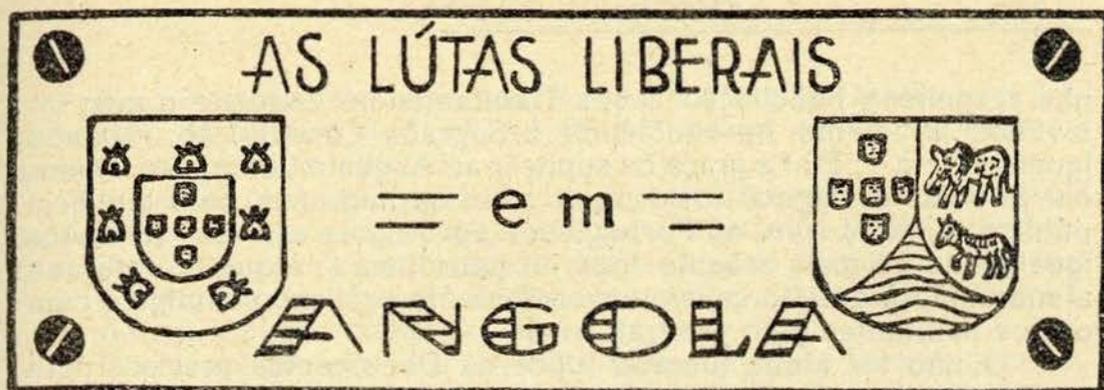
48.º Mubáfo. (Parece uma espécie do Liquidambar (Lin. Sist. Nat.) Esta utilíssima árvore distila o óptimo Bálsamo que aqui chamam também Mubáfo, de freqüentíssimo uso Medicinal nesta Conquista. Do seu tronco, que é vastíssimo, se fabricam em Ambaca as Canôas com que atravessam o grande Lucala, rio dos mais caudalosos do país, e que no seu confluente com o Quanza, forma a Vila de Maçangano. (Cada baga contém duas até três sementes ou pinhões, mais doces e mais saborosos (sendo frescos) que os de Europa).

49.º Muchichy. É árvore. (A sua descrição sistemática fica a aprontar-se, visto haver-se perdido). Dela tiram os Tanoeiros as cordas com que formam os arcos dos Tonéis, Pipas. etc.: e, sendo ainda tenra, come-se a sua raiz, que ao mesmo tempo minora a sêde do viajante dêstes Desertos.

(Continúa).

---

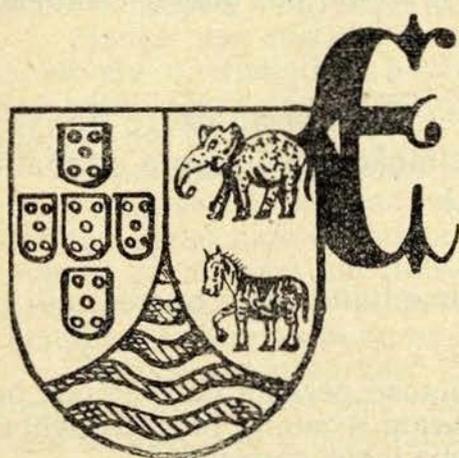
<sup>1</sup> A cásca desta árvore applica-se felizmente nas quebraçuras (provaço). Desta, só vai raiz.



## Capítulo segundo

(Continuação da página 84)

### 22. — O agitador José Anastácio Falcão



EM SEGUIMENTO DA NOSSA narração e pãra que os nossos Leitores façam idéa precisa, embora pequena, da agitação política constitucional que, neste tempo, se manifestara em Luanda, aqui vamos dar dois documentos, que são altamente significativos.

A «Carta» e a «Felicitação» encontram se no Arquivo do Congresso da República, em Lisboa, no palácio das Côrtes de S. Bento, onde as copiámos.

#### CARTA

— «Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Hermano José Brancamp de Sobral. Sendo a sãbia Constituição Portuguesa o luminoso fanal que hoje nos guia, e tendo sido V. Ex.<sup>a</sup> um daqueles Portugueses que tem dado mais provas de Benemérito da Pãtria, pelo incansãvel disvelo e sabedoria com que se tem dirigido na grande Causa da Regeneração da nossa Pãtria: estou bem certo de apresentar ao Soberano Congresso a mi-

nha respeitosa Felicitação e dos Habitantes de Angola e o meu individual juramento de obediência à Sagrada Constituição, rogando igualmente à V. Ex.<sup>a</sup> a graça de suplicar ao Augusto Congresso o mandar publicar o original incluso por meio da imprensa, para que seja público a todos que os Portuguezes em Angola estavam animados igualmente do mais ardente fogo de patriotismo; e que só retardou a sua união à grande causa o procedimento praticado comigo e com outros habitantes pelo general Továr.

O não ter ainda juntado todos os Documentos precisos para provar plenamente a minha Conduta — me impossibilita de dirigir à V. Ex. o Manifesto e a Defesa dos meus figurados crimes.

Deus g. à V. Ex.<sup>a</sup> muitos anos.

Rio de Janeiro, 16 de Junho do 2.<sup>o</sup> ano Constitucional (1821).

De V. Ex.<sup>a</sup> muito A. V. e C.  
(a) *José Anastácio Falcão.*

### FELICITAÇÃO

— «Felicitação, que dirige às Côrtes Gerais e Extraordinárias Congregadas em Lisboa — José Anastácio Falcão, em nome do Povo de Angola, com a sua protestação e individual Juramento, declarando todos os vexames e despotismos que suportou por querer estabelecer a Constituição naquele Reino.

(Tem, à margem, o seguinte: — Em sessão de 16 de Novembro. Ouvida com agrado a Felicitação e, enquanto ao mais, remetida à Comissão do Ultramar.)

Soberano, Augusto e Iluminado Congresso Português.

Um acaso me fez aparecer criminoso perante um Tribunal de Justiça, e Ministros implacáveis lavraram a minha fatal Sentença, sem atenderem à minha defesa, nem aos meus serviços.

Tendo jazido por mais de ano e meio capturado, fui conduzido ignominiosamente a uma Relação onde ouvi, em pública Audiência, o prêgão da minha Sentença!

Pouco depois me apresentaram em um Tribunal, onde o meu nome foi escrito no Livro dos Desgraçados.

Dali me conduziram às galés e me enviaram em um navio para o Rio de Janeiro. Logo que cheguei a esta Côrte, fui metido a bordo de uma Nau, que servia de Presídio, onde me lançaram ferros!!!

Brevemente fui embarcado em navio para seguir viagem para o meu destino e tanto foi o tempo de viagem quanto o da minha opressão.

Sim, Respeitável Congresso, apenas entrei para bordo logo fui carregado de ferros, que só me foram tirados no fim de 42 dias, quando cheguei à Luanda !!!

Logo que cheguei àquele Reino, procurei conduzir-me sem ofender a Majestade das Leis, respeitando e obedecendo às Autoridades constituídas; e, procurando desempenhar alguns cargos que me foram incumbidos, solicitava o melhoramento de minha existência por meio de um limitado comércio.

O estrondoso e suave Grito de Liberdade que teve origem no Douro e Tejo, comunicando-se com a velocidade do raio aos Corações dos Beneméritos Portugueses, residentes em Angola, despertou no meu Coração o fogo activo do Patriotismo, que me fazia ocultar considerações políticas e os exemplos da mais cruenta e nefanda barbaridade.

Desde logo intentei salvar Angola — de estreita colisão em que se achava, e seus Habitantes — do rigor e despotismo, unindo-me com eles para estabelecer a Constituição.

Escrevi todos os Documentos necessários para pôr em prática esta interessante medida, sem haver a menor agressão, porém, infelizmente, sendo denunciado pelo alferes António Manuel Nogueira, fui preso e conduzido à presença do general Továr.

Este general, pouco prudente, usou comigo de todos os estratagemas, chegando ao ponto de me prometer mandar fusilar (dizia êle) para salvar Angola; porém eu, firme no meu carácter, não temia perder a própria vida pela Regeneração da minha Pátria.

Fiz-lhe ver que eu era o Autor de tudo e que, se havia crime, só eu era o criminoso, porém que nunca me podia persuadir que este passo fôsse contra a boa Ordem, quando este era o Sistema e o voto geral da Nação.

Passificado, o General exigiu que eu assinasse um Termo, em que declarasse as minhas intenções a este respeito, e logo me fez conduzir preso para bordo da Fragata *Venus*, que então estava surta naquele pôrto, para ser transportado para o Rio de Janeiro, dando ordem ao comandante da mesma fragata para proibir tôda e qualquer comunicação que eu pudesse ter com os Habitantes de Angola.

Este zeloso e bárbaro Comandante, que era o capitão de mar e guerra graduado — José Maria Vieira, não só cumpriu a Ordem do General mas teve o despotismo de me mandar pôr a ferros e determinar que eu viesse incomunicável tôda a viagem e tirando-me todos os meus papéis, os mais particulares, que analisou e comentou, como bem lhe pareceu; chegou o seu excesso a tal ponto que descompondo-me e insultando-me com os nomes mais injuriosos, até me prometeu mandar dar rodas de pau, e isto só por eu ser falsamente arguido de ter ofendido um escravo!

Porém aqui ainda não pára o seu despotismo.

¿ Quem poderá crer que, chegando a dita Fragata ao Rio de Janeiro, depois de estar aprovada e jurada a Constituição por sua Real Majestade e por tôda a sua Real Família, este bárbaro Comandante tivesse a deliberação de me ter a ferros todo o tempo que ali me conservei, enquanto não passei para bordo da Nau *Principe Real*?!!!...

No dia 20 de Abril, dirigi à sua Majestade um Requerimento pedindo a minha soltura; porém, saindo sua Majestade no dia 26, mal pensava eu que se havia lavrado um Decreto em que era compelido a ir exterminado para Cabo-Verde!

Logo que sua Majestade se retirou, dirigi à sua Alteza Real diversos Requerimentos, a bém da minha causa, fazendo-lhe ver a injustiça de minha prisão.

Sua Alteza Real, Sensível às minhas representações, teve a Magnanimidade de ordenar por seu Real Decreto de 8 de Junho que ficasse extinto o meu degrêdo e que fôsse logo posto em liberdade, a qual principio a gozar neste momento.

Tais têm sido os acontecimentos fatais e em que tenho sido envolvido, desde o memorável dia 12 de Junho de 1815, em que fui preso em Lisboa.

Tenho a honra de dirigir à Augusta Presença de Sua Majestade o Bosquejo da minha carreira desastrosa, enquanto não posso formalizar o Manifesto documentado de todos êstes factos.

Nunca o meu espírito foi dominado pela Rebelião.

O dora-à-vante desejo de me reünir à Grande Causa, que hoje defendemos, me fez empreender o projecto de salvar Angola do despotismo: julguei-me, portanto, na obrigação de fazer os maiores sacrificios quando se tratava de Regenerar a minha Pátria.

Fui vítima; fui infeliz; suportei os maiores insultos; porém estou livre e todos êsses sacrificios servem hoje de abonar a minha conduta perante a minha Nação, a quem falo pelos seus dignos Representantes.

Sim, Senhores, eu, bem persuadido dos honrados sentimentos da maior parte dos Habitantes de Angola, em seu nome venho Respeitosamente Felicitar êste Nobre e Augusto Congresso, e individualmente prestar nas Mãos de sua Majestade o Juramento de minha fidelíssima Obediência à Sábia Constituição, protestando por Ela derramar até à última pinga de sangue em Defesa de minha Pátria, do Rei e da Sagrada Religião que professam.

Rio de Janeiro, 16 de Junho do 2.<sup>o</sup> ano (1821).

(a) *José Anastácio Falcão.*

(Tem à margem o seguinte: — Comissão do Ultramar. Novembro, 17, de 1821. — José Anastácio Falcão felicita as Côrtes, em seu nome e do Povo de Angola, declarando o que suportou por querer estabelecer a Constituição naquele Reino.)

\*

No *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocência da Silva e Brito Aranha, há informações relativas a José A. Falcão: no tómo IV, às págs. 231 e 232 e no tómo XII à pág. 215.

\*

Embora as palavras da sua «Felicitação» o marquem como um fanático sincero das novas idéas constitucionais, de tôdas estas linhas podemos imaginar também o estado dos ânimos tanto do Governador Továr como dos mais Habitantes de Angola.

As acusações, que faz ao comandante José Maria Vieira, têm certo valor político.

Não nos interessam as idéas ; apenas indicamos os factos, na sua realidade.

\*

Na *Gazeta Universal*, n.º 32 de 9 de Fevereiro de 1822, à pág. 127, no reláto da Sessão das Côrtes de 8 de Fevereiro — 297.<sup>a</sup>, vem a seguinte notícia :

— «Passou à Comissão do Ultramar um exemplar da Carta que dirigiu aos Povos do Reino de Angola José Ignácio (àliás Anastácio) Falcão, para os convidar à adopção do Govêrno Constitucional ; faz algumas observações sôbre êste objecto e oferece certos bens : a metade para o monumento que eternize a Memória dos Regeneradores da Pátria, e outra metade para formar um Monte Pio para suprir às Viúvas e Orfãos dos Beneméritos, que têm concorrido e concorrem para a mesma Regeneração ; ouvido com agrado e remetido ao Govêrno para dar as ordens necessárias.» —

\*

No *Diário do Govêrno*, primeiro semestre, 1822, à pág. 256, está publicada a mesma notícia :

— «José Inácio (àliás Anastácio) Falcão oferece ao soberano Congresso o original de uma carta, que escreveu aos Habitantes de Angola para os persuadir a abraçarem o Sistema Constitucional : passou à Comissão do Ultramar.

Mandou-se ao Govêrno, para que faça efectiva, certa oferta que o mesmo José Inácio Falcão fez ao Soberano Congresso.»

No *Diário das Côrtes*, tómo V, à pág. 120 :

— «Dirigiu-se à Comissão do Ultramar uma Carta escrita aos Habitantes de Angola e oferecida agora às Côrtes por José Anastácio Falcão, sôbre o modo por que foi tratado por desejar concorrer para destruir o despotismo e estabelecer a Constituição naquella parte dos Estados portuguezes.

Foi ouvido com agrado, e mandado remeter ao Govêrno um oferecimento, que às Côrtes dirigiu o mesmo José A. Falcão, da quantia de 4 contos e tantos mil réis, metade para as despesas do Monumento que se projecta levantar em honra dos Beneméritos da Pátria, e metade para principio de um Monte Pio para sustentação das viúvas dos Regeneradores.» —

### 23. — A devassa contra o governador Továr

A seguir, no capítulo III, publicaremos alguns documentos que tratam da devassa que foi, ou devia ser, tirada em Luanda contra o governador Továr.

Como consta na Torre do Tômbo, no livro 18 de mercês de d. João VI, à folha 184, Albuquerque e Továr, por Patente de 21 de Maio de 1824, foi nomeado governador e capitão-general das Ilhas dos Açôres, por tempo de 3 anos.

(Continúa).

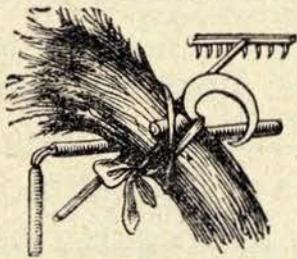
---



— À Grande-Guerra e ao papel que nela desempenhámos, se deve a conservação dos nossos domínios coloniais das duas costas de África...

*Norton de Matos.*

## Verdades... suaves



**G**ENTE GORDA E MAGRA, culta e sòmente lida, rica e remediada, de barbas e de cára rapada, quando concluimos a publicação da II série da nossa revista *Diogo-Caão* — tais indivíduos não se cansavam de nos preguntar : se tivemos lucros ou perdas na nossa emprêsa ?

Nem uns, nem outras : era a nossa resposta.

A nossa mística literária não tem náda de... misteriosa : por nossa mão tiramos as cópias e fazemos a revisão das provas tipográficas etc, de sorte que a revista nos fica baratíssima.

Quando creámos, em Angola, a *Diogo-Caão*, uma finalidade histórica ou de cultura do passado nos

norteou : norteou então, norteia presentemente e norteará no futuro.

Como bem sabem os nossos caros, e também *cacos*, Leitores, a nossa intenção é fundamentalmente patriótica e sem olhar a lucros materiais.

Uma consolação espiritual temos : os frutos — já os contamos, ou colhemos, se não em elevada quantidade, ao menos em escolhida qualidade.

A História-de-Angola deixou de ser privilégio ou segredo de duas ou quatro pessoas : nas nossas páginas a temos vulgarizado, sem fazer caixinha ou monopólio das nossas investigações ou descobertas.

Uma ou outra vez, os nossos comentários não têm agradado, é certo, porque a vaidade cega os homens que mandam...

Na verdade, a recordação dos feitos dos nossos Antepassados é uma lição... suave, que pomos deante da vista dos Portugueses, que vivem e trabalham em Angola, para os provocar à imitação honrosa.

Em qualquer ramo de actividade, Portugal tem exemplarmente desempenhado em terras angolanas a sua missão civilizadora : nas nossas páginas, por isso, náda mais temos feito e executado do que a recordação ou ressurreição dessa benemérita obra cinco vezes secular, esquecida ou adormecida nos arquivos e bibliotecas de Lisboa.

ANGOLA — a portuguesa — está sendo muito discutida na política internacional, presentemente...

Out./1935.

**Padre RUELA POMBO.**

## **Palavras... pesadas**

No número de 24 de Julho p. p. de *O Primeiro de Janeiro*, do Pôrto, em artigo do fundo, com o título *Primórdios da ocupação portuguesa em Angola*, foi publicado um substancioso artigo do ex.<sup>mo</sup> sr. general Norton de Matos: aqui vamos arquivar as referências que tam ilustre Colonial fez à nossa revistinha.

Venho hoje chamar a atenção dos Leitores d'êste Jornal para três publicações que tratam dos primeiros passos que os Portugueses deram em terras de Angola. São elas devidas ao esforço literário de três bons amigos que, como eu, se ligaram — pelo trabalho e pela visão do que ela significa na nossa nacionalidade — à grande província portuguesa.

Publicou Alfredo de Albuquerque Felner, um livro de 593 páginas...

Dá-nos Gastão de Sousa Dias a transcrição de um códice existente na Biblioteca Nacional de Paris...

Dirige, redige, administra e edita o Padre Manuel Ruela Pombo uma revista ilustrada, a que deu o nome de *Diogo-Caão*, repositório de interessantes e valiosos documentos históricos, que muitas cousas me tem ensinado sobre a história de Angola.

São dignos do maior louvor êstes homens que tam desinteressadamente andam a reunir os materiais necessários para a História Monumental que a Nação tem de publicar sobre a Colonização dos Portugueses em Africa.

Do coração lhes agradeço a satisfação que me deu a leitura de seus escritos.

Na revista *Diogo-Caão* do sr. Padre Ruela, encontram-se, como disse, valiosas informações sobre os primórdios da nossa ocupação na Africa Ocidental. Presta um grande serviço a todos que, cada vez em maior número, se interessam pelas cousas de Angola, com a publicação da *História das Guerras Angolanas* de Oliveira de Cadornega, e é consolador ver como palpita sempre nos seus comentários e notas o seu orgulho de português, a sua altiva independência moral e o seu amor à Angola.

Por nossa parte, agradecemos ao primeiro e... único alto Alto-Comissário de Angola as generosas linhas que consagrou à nossa modesta revistinha.

P. P.

### **Despotismo velho e antigo...**

**E**m Agosto de 1791, o ministro Martinho de Melo e Castro escrevia um Ofício ao então governador de Angola Manuel de Almeida Vasconcelos, com as seguintes censúras :

— «A respeito dos abusos cometidos pelo capitão António José da Costa, sogro do intruso secretário dêsse govêrno de Angola, guardou sempre o Barão-de-Moçâmedes, seu irmão e predecessor, o mais profundo silêncio, de sorte que esta Côrte ficou, e ainda se acharia em uma tal ignorância dos acontecimentos, se os mesmos clamores, repetidos em Benguela e em Luanda, contra as extorsões, iniquidades e escandalosos roubos, praticados pelo referido António José da Costa, não chegassem também a esta Côrte por diferentes partes. E esta é outra clara demonstração do abusivo e pernicioso sistema, que até agora tem subsistido nesse govêrno de Angola: de se dizer para esta Côrte, não aquilo de que ela deve ser informada, mas aquilo tam sòmente que lá convém que aqui se saiba.»

Quando certos governadores de Angola se cercavam de maus auxiliares, ontem e no tempo já remoto, abusos, escândalos e até roubos eram cometidos...

*P. P.*

### **Consumo...**

**E**m 20 de Março de 1769, o Conde-de-Povolide escreveu do Recife ao governador de Angola dom Francisco Inocência de Sousa Coutinho o seguinte Ofício :

— «Na presente embarcação, de que é mestre Manuel Pereira, mandei embarcar um pardo chamado António Pais de Carvalho, o qual teve a inconsiderada liberdade de falsificar

a minha rúbrica em vários despachos que outro pardo escrevia, o qual também vai na dita curveta com ordem de seu senhor para nessa cidade ser vendido; porém, como o dito Pais é fôrro e o maior agressor do delito, o qual se lhe não pode provar mais do que por uns veementes indícios, a que dão ocasião a confissão do co-réu referido escravo e seu mau procedimento; e, por fálta de próva totalmente legal, não pode ser castigado com a última pena que a lei permite, tomei o expediente de o remeter à ordem de Vossa Excelência, para, nesse Reino, lhe mandar dar um tal consúmo que não torne aqui a aparecer...»

Nestes tempos pombalinos, bastavam apenas *uns veementos indícios* de delito para um reu ser deportado do Brasil para Angola, com recomendação de lhe ser dado... consúmo!!!

P. P.

### **Triunfo literário...**

Frutos da nossa longa e ingrata e persistente e patriótica campanha literária angolana — o que nos consola e anima e enche de coragem! — já estamos a colher alguns e importantíssimos: o repetimos.

Somos fácil de contentar nas nossas aspirações ou vontade: por sua vez, o desânimo não encontra guarida cá dentro de nós; não.

No diário *Novidades*, em 30 de Agosto próximo passado, no fim da terceira página, foi publicada a seguinte notícia colonial:

#### **Nova estrada em Angola**

Foi aprovado o estudo e respectivo orçamento para a construção de uma longa estrada do Cunga à Muxima que encurtará em 146 quilómetros as actuais comunicações com Novo-Redondo e com o Sul de Angola.

Nós — padre Ruela Pombo — dúzias de vezes, durante os 5 anos que desempenhámos *oficialmente* o cargo de pároco-missionário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Muxima, o maior Santuário religioso da diocese de Angola-e-Congo, — nós, na Imprensa de Luanda, tivemos o critério e zêlo e cuidádo e a coragem de mostrar e provar a utilidade e possibilidade e facilidade desta estrada pelo meio da Quiçama, sem ser preciso dar a estúpida volta pela vila do Dondo; nem ameaças várias, nem pedidos vários foram capazes de nos fazer calar.

Mas...

Impenitente e doente, ou vencido mas não convencido, lá deixámos o Presídio da Muxima...

P. P.

### Ruínas sagradas

Fomos, um dia, em romagem patriótica até ao sítio onde foi a vila de Nossa Senhora da Vitória de Maçangano: a nossa alma de português e de sacerdote católico ficou, além de triste, revoltada contra o abandono criminoso a que vimos botadas aquelas **Ruínas** sacratíssimas!!!

Os artigos, que então publicámos na *Província de Angola*, diário de Luanda, acompanhados de fotografias, não agradaram lá muito a certas pessoas civis e eclesiásticas...; não.

Passado... passado...

Mais outra consolação patriótica acabamos de sentir, agora.

No diário *A Voz* de 13 de Setembro próximo passado, no fim da página 3.<sup>a</sup>, veio a seguinte notícia:

#### Romagem a Maçangano

Setembro, 8 — No dia 11 de Agosto realizou-se uma romagem patriótica à antiga Vila da Vitória de Maçangano. Era uma velha dívida que Angola tinha a saldar.

Foi ali que os Portugueses se refugiaram, a quando da Dominação Holandesa, e resistiram heròicamente durante sete anos.

Tomaram parte na romagem cêrca de mil pessoas e tô-das as autoridades.

Houve missa campal celebrada pelo Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manuel Alves da Cunha.

**Maçangano** — que foi capital de Angola durante a ocupação holandesa, de 1641 a 1648, — tem dentro do nosso coração de português e de sacerdote católico, repetimos, um culto vivo e fervoroso: as páginas históricas, que temos escrito a seu respeito, elas marcam e provam a nossa devoção tanto religiosa como cívica por aquele cantinho sagrado de Angola, situado entre o rio Quanza e o Lucala, seu afluente...

\*

Esta nóta e respectivos comentários foram por nós escritos em Setembro próximo passado, quando estávamos gozando as nossas férias em S. Silvestre da Murtosa, nossa terra natal: agora de volta, em Lisboa, acabamos de ver que a Imprensa de Luanda deu notícia desenvolvidíssima da Romagem cívico-religiosa à vila de Maçangano, o que é para louvar.

Por sua vez, o *Boletim da Diocese de Angola e Congo* no seu número 4, publicou o «Auto» dessa linda comemoração patriótica.

P. P.

### Angola... cubiçada

Fantasma, assim mais ou menos misteriosos, deitavam...  
chêiro aqui em Lisboa em princípio de Agosto, pró-

ximo passado: a minha vida de investigador pelas bibliotecas e arquivos, após os actos do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, não me dava tempo para o desporto político, podem crer.

Ora... o nosso caso é que, no já citado número do diário *A Voz*, de 13 de Setembro, lá vem publicada a famosa **Carta** do sr. com. Paiva Couceiro dirigida ao sr. cap. Mário Pessoa: por sua vez, a Nota Oficiosa diz que o Governo se viu obrigado a repudiar «*as falsas, injuriosas e baixas acusações*» que lhe são assacadas e, «*mais como protesto do que como penalidade*», foi proibida ao sr. com. Paiva Couceiro a residência em território nacional, durante o prazo de 6 meses.

Na política internacional, presentemente, a nossa Angola está sendo muito falada ou discutida, tanto assim, que a referida Nota Oficiosa lá diz que o Conselho-de-Ministros continuou «*o exame das questões de política externa e colonial, e de alguns problemas de administração pública relacionados com aquelas*».

\* \* \*

Dias depois, o Sr. Presidente do Conselho — Dr. António de Oliveira Salazar — nas importantíssimas declarações, que fez, relativamente à política externa e à questão colonial, falou com perfeita sinceridade e enérgica realidade política: êsses boatos ou rumores, que correm ou se ouvem contra a integridade das nossas Colónias, êles tiveram, a tempo, a mais cabal destruição, porque «*as manifestações do nosso Patriotismo, sempre atento e vivo, não podem ser de molde a poder-se deduzir que nós próprios não temos bem a certeza dos nossos direitos, nem a fôrça para os fazer respeitar*».

Certamente, não é com ingénuas ou viciosas *fanfarro-nadas* que «*as nossas posições estão marcadas e hão-de ser mantidas*».

P. P.

## Os ossos de Salvador Correia

A té parece... enguiço ou azar, não para nós, mas para a nossa querida Angola !!!

Os OSSOS de Diogo Caão, de Paulo Dias de Novais e de Salvador Correia — pesa sôbre êles, de-certo, uma maldição dos homens, se não vingadora, inconsciente.

Como sabem, Salvador Correia ergueu no Convento dos Marianos de Lisboa a sacristia e ali escolheu o lugar da sua sepultura: dois séculos depois, ou nem isso, uma seita protestante compra a Igreja, que adapta a seu culto hereje!...

Quem fez esta vênnda sacrílega — foi o govêrno português!!!...

Graças a DEUS, sabemos dar a explicação de certos... mistérios históricos, embora não os compreendamos ou sejam superiores à nossa razão...

\* \* \*

No volume III das *Ruas de Lisboa* de Gomes de Brito, que acaba de aparecer à luz da publicidade pela mão carinhosa do Sr. Dr. António Baião, à página 222 e nóta três, vem a seguinte informação:

Convento de Nossa Senhora dos Remédios, de religiosos Carmelitas descalços, fundado em 1606; habitado desde 1611.

Actual Igreja Evangélica de súbditos inglêses.....

São do próprio texto, e não nossos, êstes 7 pontos de... reticências quais 7... pecados mortais da... política liberal portuguesa !!!!!!!

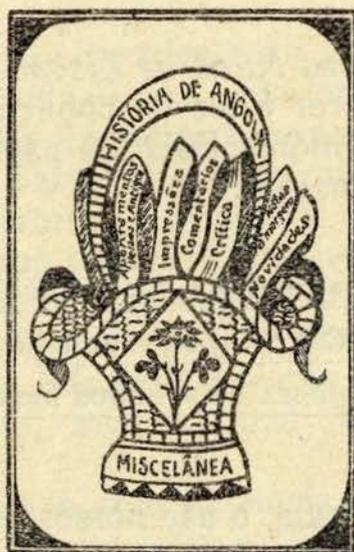
P. P.

### Óbito de um médico

Com a data de 29 de Fevereiro de 1820, o governador da Capitania de Benguela enviou o seguinte officio ao Conde-dos-Arcos então ministro e secretário dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos :

— «O cirurgião-mór da Capitania de Benguela — José Joaquim Ferreira — faleceu no dia 28 de Janeiro de 1820, com um ataque maligno que decidiu em três dias, ficando todos os Habitantes desta Cidade sem pessoa que os trate nas suas enfermidades porque os Ajudantes de Cirurgia, que há, um foi Sangrador e outro Piloto, e só espero remediar tanto mal se em algum navio, que por aqui passar, vier Cirurgião hábil que, na forma praticada em idênticos casos, se deixe ficar.» —

Existe no Arquivo Colonial da Junqueira este documento que acabamos de citar: também os médicos morriam e morrem em Angola...



# AVISOS

I — Os nossos Assinantes bem sabem que os correios portugueses sempre deixaram a desejar muito...

... e dos da nossa Angola — *libera nos !!!*

Isto vem a propósito das reclamações que nos fazem de vários números das I e II séries, que não chegaram às mãos dos destinatários, e agora, com prejuízo das nossas colecções, os estamos a reenviar. Pedimos, pois, aos nossos Assinantes que, quando recebam um número saltado, reclamem logo o que lhes falta, que enviaremos na volta do correio

A expedição é feita com especial cuidado, mas não é para admirar qualquer falta, nossa cu... alheia.

II — Como já dissemos, a remessa da nossa revista só é feita agora às Bibliotecas Públicas, a que por Lei somos obrigados.

III — Para a venda avulsa da nossa revista em Luanda e Lisboa, limitaremos o número de 100 exemplares apenas, para não desequilibrar as nossas colecções.

Acontece, por vezes, um número ter grande venda avulsa, com sacrifício de outros que a têm menos.

IV — Ao cidadão, que nos pediu, anónimo, a continuação da notícia que foi publicada às páginas 30 e 31 desta III série, respondemos que nos mande a sua direcção; e depois, na volta do correio, irá tudo o que sabemos relativamente ao Canal-do-Quanza, bem como à cõta ou despesas dessa obra.

V — Nos números seguintes continuaremos com as *Guerras Angolanas* de Cadornega, Condomínio Português e Holandês, e Memórias do Convento Franciscano de S. José, de Luanda.

---

## «DIOGO-CAÃO»

---

(Continuação)

57)

De Lisboa continuamos a receber com relativa regularidade esta útil publicação, a que o antigo missionário de Angola, padre Ruela Pombo, nosso mui prezado amigo, vem dispensando muita atenção e elevado carinho.

Longe de Angola, alheio a esta vida, não deixa Ruela Pombo de inquirir das glórias dos nossos antepassados; e, fazendo-as revi-

ver, para que os novos as conheçam bem e saibam admirar, lá as vai inserindo religiosamente nas páginas da sua «DIOGO-CAÃO».

Bem haja o nosso bom amigo.

Para nós não é só missionário aquele que sabe ensinar os mistérios de religião. Missionário é também aquele que sabe rezar ao Povo as orações que este criou nos momentos da sua maior Fé Patriótica.

(Do órgão de educação *Jornal da Criança*, no número 24, III ano, Agosto de 1935. — que dirige, em Luanda, o sr. professor Adriano da Costa Mendes.)

---

58)

Vemos, pelos números agora recebidos, que terminou a publicação da segunda série e começou a da terceira, desta interessante revista de assuntos históricos angolanos, iniciada há anos em Luanda pelo erudito padre Manuel Ruela Pombo, que, embora ausente de Angola, continua, com um entranhado amor pela sua história, a publicar a sua revista em Lisboa.

Trouxe-nos o último correio os números 2 e 3 da terceira série da «DIOGO-CAÃO», que inserem vasta cópia de documentos que se incluem sob as rubricas: «Os holandeses em Angola — 1641-1648», «Medicina indígena», «História Geral das Guerras angolanas», por António de Oliveira Cadornega», «História Eclesiástica de Angola», «As lutas liberais em Angola», e «Miscelânea», algumas das quais continuação de estudos e obras já iniciadas em números anteriores.

A divulgação de documentos tam importantes, cuja colecção, transcrição, ordenamento e revisão exigem grandes cuidados, só pode ser levada a cabo por quem, como o sr. padre Ruela Pombo, tem um entranhado amor ao estudo e paciência beneditina que a sua interessante revista denota.

Trabalhos destes deviam ser encorajados e auxiliados, pois representam um alto serviço prestado ao país e à Angola.

Os depositários da revista «DIOGO-CAÃO», em Luanda, são as livrarias Minerva e Lusitana.

(Do bi-semanário *Notícias da Huila*, de Sá-da-Bandeira (Lubango), de 24 de Setembro de 1935.)

---

59)

Na última mala da Europa, recebemos os números 2 e 3 da III série desta revista ilustrada, que se publica em Lisboa sob a proficiente direcção do nosso amigo e antigo colaborador senhor Padre Manuel Ruela Pombo.

Muito agradecemos a oferta.

(De *a provincia de Angola*, diário de Luanda, em 13 de Setembro de 1935.)